

RUMO

ATUALIDADE . CULTURA . ARTE

ANTROPÓFAGOS E CANIBAIS

Uma reflexão sobre o acidente aéreo nos Andes

OS CAMINHOS DA ENERGIA NO BRASIL

Como funciona e avança o quadro energético nacional

REDESCUTINDO O MODELO DO SETOR ELÉTRICO BRASILEIRO

A grande importância de uma boa combinação de todas as fontes de geração de energia



1973, O ANO QUE REINVENTOU A MPB

Celio Albuquerque da Cunha conta como a música entrou para a história

AS PINCELADAS RÁPIDAS DE DIANA WOLTERS

A Perspectiva, profundidade e cores fortes da Marquesa de Huidobro

A REALIDADE ENERGÉTICA

Com crise no sistema elétrico, país pode ter novo apagão

 **NOVO RUMO**
EDIÇÃO_42 R\$ 5,00

Diretoria

Ariane Pacheco Porciúncula

Coordenação Jornalística

Nick Aust

Jornalista Responsável

Clara Fischer

Colaboradores

Célio Albuquerque

Elbia Melo

Grasiela Fragoso

Heitor Scalabrini

Holmes Antônio

Leila Kessler

Maria Isabel Borja

Renato Fonseca

Sério Granja

Toninho Vaz

Projeto Gráfico

Juliana Pinto

Departamento Administrativo

Georgia Maia

Lidiani Bulé

Departamento Comercial

Charbel Nicolau

Grupo Rumo Comunicação Inteligente

Contato: (24) 3377.8646 / 3321.1035

gruporumo@gruporumocom.com.br

Só você



Maria Isabel Borja

Mestre em literatura, escritora, redatora, editora e professora.

Não tinha mais de seis anos, talvez menos, naquela tarde em que fui com minha mãe visitar minha tia-avó. Não era um evento especial. A família da minha mãe era pequena e muito chegada. Moravam a uma distância que se podia percorrer a pé, e não havia nada demais em darmos uma passadinha pela casa da tia, como minha mãe a chamava.

No entanto, lembro precisamente daquela tarde. Na sala, minha tia, minha mãe e a prima falavam, e eu não conseguia entender quase nada, exceto que meu tio estava deitado no quarto e não estava bem. Eu tinha certo fascínio por ele, um homem alto, magro, com a cabeça totalmente branca e os olhos claros. Apesar da proximidade da família, eu raramente o via. Recordo-me dele de paletó escuro e falando excepcionalmente baixo. Não lembro, mas tenho a sensação de que, em algum momento antes daquela tarde, nós dois fizemos contato. Terá sido uma brincadeira ou sei lá o quê, algo que estabeleceu entre nós, por um átimo, uma relação pessoal que não passava pela formalidade de ele ser meu tio. Éramos duas pessoas, únicas, e tínhamos feito contato. Não estou certa. É uma impressão, mas a tenho.

Realmente não sei por que cargas d'água me passou pela cabeça desmiolada que, se aquelas três não me atrapalhassem, eu poderia ajudá-lo. E lá fui eu, esgueirando-me pela casa, com a maior desfaçatez, sonsa mesmo, até encontrar o quarto onde meu tio estava, deitado, no escuro, aparentemente dormindo. Fiquei ali um momento, no pé da cama, olhando para ele, o corpo longo estendido. Esperava um sinal e imaginava uma forma de me aproximar.

Tudo talvez não tenha demorado um minuto inteiro, e a prima da minha

mãe, filha do meu tio, apareceu fazendo um sinal de silêncio com o dedo sobre a boca e, muito aflita, arrastou-me de volta para a sala. Quando chegamos lá, ela disse me encarando séria, um pouco contrariada, mas doce:

- Fica aqui, deixa o tio Fernando em paz.

Acho que balbuciei alguma coisa, queria explicar que eu tinha certeza de que ele gostaria de me ver, mas não sei ao certo. Do que me lembro, precisamente, é das palavras dela, coitada, a prima da minha mãe, certamente na melhor das intenções:

- Deixa o tio Fernando. Não vai mais lá, não, ele não gosta de criança.

Fiquei atônita:

- Aaaaam? Ele não gosta de mim?

Crianças não costumam mesmo ter noção de conveniência; é um fato, não nego. A pobre da nossa prima engrolou alguma explicação meio sem sentido. Não importava. Eu não sabia por que ela havia dito aquilo, mas sabia que o meu tio gostava de mim e que eu não era apenas uma criança, eu era a Bel, a neta da Branca, a filha de Helena, aquela menina com quem ele tinha brincado não havia muito tempo, aquela garota que se importava com ele e com quem ele também devia se importar. Tudo bem, eu era uma criança e devia ter muitas coisas em comum com outras crianças, mas eu não era uma categoria. Era uma pessoa, única, com algo único a dizer ao meu tio, que não era o tio de todas as crianças do mundo.

Muitos anos depois, soube que tio Fernando era esquizofrênico e tinha terríveis crises de depressão. Entendi tudo, inclusive a aflição, a angústia e o desconcerto da nossa prima, que só queria me proteger da triste situação do seu pai, e queira me proteger porque, sim, eu era uma criança. Não

há nada para romancear. Ela estava certa: o pai não batia bem, e eu era uma menininha sem noção.

Uma coisa, no entanto, ficou para sempre: nunca mais pude gostar ou não gostar de gays ou de heterossexuais, de árabes ou de judeus, de direitistas ou de esquerditas, de ricos ou de pobres, de paulistas ou de cariocas, de gente cor-de-rosa, de gente amarelada, de gente café-com-leite ou de gente preta (desculpem, eu não vou dizer "de brancos ou de negros", porque seria não falar da imensa maioria dos meus conterrâneos), de gente que fala com tal sotaque, de gente que se veste não-sei-como ou mora não-sei-onde, dessa gente ou daquela gente. E, olha, não é bem porque eu ache que somos todos iguais, mas, sobretudo, porque acho que todos somos adoravelmente diferentes, únicos e, por isso, imperdíveis. O que você não disser, o que você não for, ninguém mais vai dizer nem ser.

Lembro do meu tio com muita pena e ciente de que a loucura é isso, algo que, de um momento a outro, reduz-nos a uma categoria, submete nossa individualidade a uma química equivocada, prende nossa alma e quase tudo de lindo que há em nós a uma vala comum, e, contudo, mesmo os loucos podem em um momento furtivo, de incomensurável força, exibir sua alma, única e bela por ser única.

PS - E, agora, ocorreu-me sugerir ao leitor que busque melhor literatura em O alienista, do nunca suficientemente imortal Joaquim Maria Machado de Assis, aquele mulato carioca, filho de um pintor de paredes também mulato e de uma lavadeira açoriana, casado com uma portuguesa, funcionário público exemplar, epilético, monarquista e, sobretudo, único.



Procurando Inglês e Espanhol?
Veja nossa companhia no www.ccaa.com.br

Centro: Av. Raul Pompéia, 35 - 1º andar (24) 3365-2520



Praia Brava: Clube Náutico (24) 3362-8826

As sociedades antigas



Grasiela Fragoso
Historiadora e Professora de História.

As religiões grega e romana fazem parte do patrimônio cultural do mundo ocidental. São referência para a literatura, as artes, a história e ao bom gosto! Longe de pertencer somente àquele passado, as mitologias, as cosmogonias são marcos fundamentais para o Conhecimento, que tem no legado greco-romano as bases daquilo que fora denominado civilização.

A narrativa mítica tinha nessas sociedades arcaicas uma função peculiar: organizar e dar sentido à realidade. Era uma maneira de estabelecer verdades e explicações sobre os fenômenos naturais e humanos. Entender os mitos nessas sociedades é adentrar o universo dos encantos e das magias, das origens, das escatologias. A palavra mágica, encantada, impregnada de afetividade e imaginação concatenava acontecimentos passados, compreensões para o presente e projeções para o futuro. As interpretações giravam em torno de predestinações, augúrios e presságios. Só ganhavam legitimidade se ecoassem pela boca de uma autoridade reconhecida e se fosse cumprido todo o ritual necessário.

O rito que acompanhava o mito tinha a função de reatualizar, pela repetição, os atos dos deuses nos tempos primordiais. As ervas, os animais, os incensos ofertados da maneira adequada sob circunstâncias específicas serviam para aplacar a fúria dos deuses ou como dádivas em agradecimento.

A narrativa que por hora adentraremos conta a trajetória de Maia Maiestas, mãe de Hermes (Mercúrio), o mensageiro dos deuses. Na mitologia romana Maia

é identificada como a deusa da fecundidade, da energia vital que dá vida, alma e movimento aos seres. Dizem que o mês de Maio tem esse nome em sua homenagem.

Já na mitologia grega a concepção parece ser diferente. A narrativa mais difundida é a que Maia é uma das sete ninfas, filhas de Atlas (um Titã condenado por Zeus a sustentar o firmamento) e Plêione. O destino de Maia foi traçado por Zeus quando do encontro com Órion, filho de Poseidon, um belo gigante e poderoso caçador, com poderes para andar pelas profundezas do mar ou pelas superfícies das águas. Essas trajetórias se cruzam e dão um novo desfecho à vida de Maia e suas irmãs. Mas quem era Órion? Era o favorito de Ártemis (Diana)...

Conta-se que certo dia Apolo (Febo) - deus do Sol, da Verdade, da Beleza - com inveja da afeição da irmã Ártemis (Diana) - deusa virgem da lua e da caça - pelo belo caçador Órion, propôs um desafio à irmã. Apontando um objeto no mar, afirmou que ela não seria capaz de acertá-lo. Ciente de sua destreza, Ártemis lançou um dardo com pontaria fatal. As ondas do mar empurraram o objeto para a terra. Era o cadáver de Órion. Quando percebeu a dimensão do fato ocorrido, Ártemis caiu em lágrimas. Com todo seu afeto, colocou Órion entre as estrelas, onde aparece como um gigante com cinto, espada, a pele de leão e a clava. Sírius, seu cão, o acompanha e as Plêiades fogem diante dele.

Maia, Electra, Taigete, Alcíone, Celeno, Asterope e Mérope – as sete Plêiades tem sua trajetória marcada pelo encontro, melhor dizendo, a perseguição de Órion. Conta-se que em companhia de sua mãe, as

sete irmãs foram passear na Beócia quando foram perseguidas por sete anos pelo notável caçador. Aflitas e cansadas de tanto tormento, as sete ninfas pediram a Zeus (Júpiter) que mudassem de forma. Zeus, compadecido, transformou-as em pombas, mais tarde em estrelas, uma constelação no céu. Apenas seis delas são visíveis, pois Electra deixou o seu lugar por não suportar a visão das ruínas de Troia, cidade fundada por seu filho Dárdanos.

Os mitos nos dão a possibilidade de exercer no mundo uma capacidade muito própria do humano: a criatividade! Temos a necessidade de nomear e submeter o mundo pela força da palavra, seja essa uma palavra mágica, fruto da fé, da crença ou a nomenclatura da ciência. Quando o desconhecido torna-se conhecível, torna-se ao mesmo tempo inteligível e nos dá a sensação de uma maior previsibilidade, de segurança.

De que tratam afinal os mitos? Das mazelas e das qualidades humanas: das vinganças, das iras, das paixões, dos amores... dos desejos de paz, de prosperidade, da finitude, do renascer. Eles servem também para estabelecer regras de conduta - os tabus, de justificar o poder, a desigualdade, a guerra. Para explicar e justificar o até então inexplicável! A energia que provém da criatividade é o combustível que move o mundo. Sem essa energia vital, o mundo não sofreria transformações e não teria evoluído para o que somos hoje.

Falando em primeiríssima pessoa, digo que de todas as propriedades que estruturam os mitos, a que eu mais gosto é do seu poder onírico. Prefiro olhar o céu a noite e me lembrar de Órion e as deusas Pleidianas... é mais encantador!

**O JEITO MAIS RÁPIDO E FÁCIL
DE APRENDER INGLÊS**

FAÇA A SUA MATRÍCULA

Telefone: 3365-2404

Verolme - Angra dos Reis - Frade - Praia Brava
Parque Mambucaba - Vila Mambucaba



CHEGOU A HORA!

ANDERSON SILVA
ALUNO DA WIZARD

WIZARD

ACESSE www.wizard.com.br

ANTROPÓFAGOS E CANIBAIS



Sérgio Granja

Mestre em Literatura Brasileira pela UERJ, professor de rede estadual do ensino e pesquisador da Fundação Laura Campos.

Um acidente aéreo na Cordilheira dos Andes propiciou a Nelson Rodrigues a oportunidade para a abordagem do tema da morte. O acidente em questão levantou polêmica porque se ficou sabendo que os sobreviventes haviam escapado da morte graças à prática do canibalismo: eles se alimentaram com a carne dos sinistrados mortos. Em A hediondez caça-níqueis, crônica de 17 de janeiro de 1973, Nelson Rodrigues se pronuncia sobre o caso. Assumindo uma perspectiva moral extremamente rígida, ele condena de forma inapelável os chamados canibais dos Andes.

“Para o arcebispo de Montevidéu (um católico progressista), ‘sobrevivência está acima de tudo’. Para uma legião de padres chilenos, idem. Argumenta-se com a morte. Dizia-me outro dia uma grã-fina: — ‘Eram mortos’. Durante 2 mil anos reconheceu-se a dignidade da morte. Agora, não. Depois de aviltar a vida, estamos aviltando a morte. Chegaremos a um ponto em que não valerá a pena viver nem valerá a pena morrer.”

Para Nelson, o que está em jogo é a sacralização do corpo. E disso ele não abre mão. “Mas houve dois sobreviventes que não quiseram ser antropófagos. Era um casal. Marido e

mulher foram tentados até o último momento. Os outros queriam que eles também comessem carne humana. Levaram para o casal bifes de nádega, de barriga de perna. E marido e mulher se torciam e destorciam em náuseas pavorosas. Se era para sobreviver como canibais, preferiam morrer. Mas a resistência do casal exasperava os outros como um castigo. Aquele homem e aquela mulher não cederam. E o último suspiro de um e outro não foi ‘último suspiro’, mas ‘última náusea’.”

A esse propósito, há no indianismo de José de Alencar uma distinção entre canibalismo e antropofagia. Para Alencar, a antropofagia entre os nossos indígenas era uma prática ritual, sacralizada. Segundo esse registro, não se comia a carne humana para matar a fome, mas para enriquecer o espírito. Nesse sentido, vale recordar o paratexto de Alencar em Ubirajara.

“O sacrifício humano significava uma glória insigne reservada aos guerreiros ilustres ou varões egrégios quando caíam prisioneiros. Para honrá-los, os matavam no meio da festa guerreira; e comiam sua carne que devia transmitir-lhes a pujança e valor do herói inimigo.”

Em Viva o povo brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro, embora o narrador indique que “o caboco Capiroba apreciava comer holandeses”, faz a ressalva de que “isto só aconteceu depois dos muitos estalidos, zumbidos e assovios que sua cabeça começou a dar (...) logo após a chegada dos padres”. Além do mais, deixa claro que se tratava do “filho de uma índia com um preto fugido que a aldeia acolheu”. Há indício de uma degenerescência e não de uma tradição indígena: “que o caboco come gente, às vezes engordando um ou outro no cercado, é por demais sabido, tendo isto, contudo, principiado por acaso”.

Há também a “antropofagia” de Oswald de Andrade. “Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama”. Trata-se de uma utopia. Utopia que, no dizer de Ernest Bloch, tem um sentido “inteiramente voltado para o mundo: o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos”.

Esta “antropofagia” se espelha não no “bom selvagem”, mas no “mau” (o que deglute o colonizador com o

**Confirmar a notícia que
vai mudar sua vida, é
um orgulho para nós!**

AngraLab. Há mais de 28 anos realizando BetaHCG.
Análises Clínicas, Citopatologia e Anatomia Patológica.



Laboratório
AngraLab

ANGRA DOS REIS

UNIDADE CENTRO - Rua Cônegos Bittencourt, nº22 [Tel/Fax: (24) 3367-2202 | 3365-2808]

UNIDADE FRADE - Rua São Sebastião, nº36 - Sala 01 [Tel: (24) 3369-2686]

UNIDADE PEREQUÊ - Rua Francisco Magalhães de Castro, nº 546 B-L [Tel: (24) 3362-4646]

UNIDADE JACUECANGA - Av. Conde Maurício de Nassau, s/nº [Tel: (24) 3361-1896]

PARATY

UNIDADE CENTRO - Rua Manoel Ferreira dos Santos Pádua,

nº01 Loja 16 - Shopping Marthins - [Tel: (24) 3371-2030]

www.angralab.com.br



Cordilheira dos Andes: um dos lugares mais inóspitos da terra foi o palco do acidente aéreo que levou os sobreviventes a antropofagia

propósito de incorporar a si as qualidades positivas do outro). Propõe-se, desse modo, uma descolonização que afirma o autóctone como ponto de partida do nacional em construção, mas sem rejeitar em bloco tudo o que é estrangeiro.

O reconhecimento do "valor do outro", o diferente, pode ser encontrado também em Mário de Andrade. Nesse sentido, ambos podem ser considerados "antropofágicos". Mas se, em Oswald, a "antropofagia" avança em direção a uma síntese que é o projeto redentor da nação em construção; em Mário, notadamente em Macunaíma (ANDRADE, 1993), a síntese cede o passo ao sincretismo que resulta no "herói sem nenhum caráter", vale dizer, no que assume as características mais contraditórias e se adapta a todas as vicissitudes, sem crise de identidade.

A diferença é sutil, mas significativa. Em Oswald, a "antropofagia" suga do estrangeiro (o colonizador) o que ele tem de melhor para ser reprocessado pelo nacional. Assim, o caráter brasileiro se enriqueceria sem se descaracterizar. Ao passo que, em Mário, a coexistência de características díspares brota um brasileiro que se caracteriza justamente por não ter uma característica bem definida, isto é, por constituir uma identidade cujo diferencial é a ausência de caráter, pois pode assumir qualquer um, conforme as conveniências momentâneas.

O canibalismo dos Andes tinha o sentido absolutamente diferente de salvar a própria pele. O psicanalista foi consultado sobre os canibais. Hoje, os analistas falam de tudo. Até, se for o caso de palpites, da Loteria Esportiva.

"E o nosso homem acha perfeito que tenham comido bifés de companheiros,

de amigos. Estavam com fome e pronto. Evidente que ele só vê instintos na sua frente. Jamais lhe passou pela cabeça que o homem só começa a ser homem depois dos instintos e contra os instintos. Até um cachorro morre pelo seu dono, apesar do seu instinto de conservação. Mas o psicanalista acha que o importante é o homem não se deixar morrer, seja qual for o motivo. Suas declarações mostram que o nosso mundo não está interessado na consciência humana. Por isso mesmo, como julga ele, psicanalista, o casal que se recusou a ser antropófago? Na sua opinião, ambos, marido e mulher, eram neuróticos. Ao passo que os canibais são exemplos de sanidade."

Para Nelson, o canibalismo dos Andes era a expressão da desumanização do homem. "O analista em apreço não é, realmente, um analista, mas um veterinário. Nada mais que um veterinário que vê o ser humano como se fosse um bezerro, um zebu, um preá, uma zebra, cuja vida é um jogo de instintos."

Em sua longa argumentação, em que, de uma tacada, aproveita para desqualificar o clero progressista e os psicanalistas, Nelson expõe o que talvez seja o cerne da sua concepção moral do homem: "o homem só começa a ser homem depois dos instintos e contra os instintos". Por um lado, a humanização do homem é vista como uma conquista que subjugava a sua natureza animal. É uma postulação razoável. Afinal, os hábitos alimentares e o comportamento sexual do homem são formas sociais e não naturais de satisfazer necessidades biológicas. Mas Nelson parece querer ir além do razoável e simplesmente negar as necessidades corporais, anulá-las em função de valores morais eternos e perfeitos.





6.000 CORES!

AQUI VOCÊ ENCONTRA A COR CERTA PARA O SEU PROJETO!
 Coral, Suvinil, Eucatex e Sherwin-Williams

Centro

Praça General Silvestre Travassos nº 116
 (Ao lado da Igreja Matriz)
 Tel: 24 3365.7829
 angratintas@hotmail.com

Balneário

Rua José Belmiro da Paixão, nº 128 - Loja 03
 (Próximo ao Corpo de Bombeiros)
 Tel: 24 3365.8116
 angratintasbalneario@hotmail.com

Facilitamos o pagamento | Aceitamos cartões de crédito

Cuidando da sua Saúde e do seu Sorriso





I.S.O ANGRA

Dr. Omar Torres de Castro Filho
 Especialista em Implante, Prótese sobre Implante, com atuação em Odontologia Estética e Periodontia.

Dr. Lucas Andrade de Castro
 Especialista em Endodontia com atuação em Odontologia Estética e desportiva.

Dr. André Luiz Costa da Silva
 Especialista em Ortodontia.

Centro, Angra dos Reis
 Rua do Comércio, nº 133

Fixo: (24) 3367.1133
 Celular: 9 99919713 / ID: 12*26051

Setor elétrico: o sujo falando do mal lavado



Heitor Scalabrini Costa

Físico, professor associado da Universidade Federal de Pernambuco, membro da Rede Brasileira de Justiça Ambiental e da Articulação Antinuclear Brasileira. Atualmente Coordenador geral do Fórum Suape-Espaço Sócio Ambiental.

Apesar de seu caráter essencial, o setor elétrico brasileiro não tem sido levado em conta com a relevância necessária para atender os interesses estratégicos da população. Ele tem tido um papel que o situa no jogo da disputa eleitoral. Ou seja, vivemos a partidarização energética, que ficou evidenciada desde o início do século XXI. E isso não tem contribuído para encontrar os caminhos da segurança energética, da modicidade tarifária, da qualidade dos serviços oferecidos, e ainda mais, a diminuição dos impactos socioambientais na escolha das fontes energéticas.

O processo de reestruturação do setor elétrico iniciado em 1995, com a “meia sola” do que ficou conhecido como o “Novo Modelo do Setor Elétrico” a partir da lei 10.848 de março de 2004, que instituiu as atuais bases do mercado de energia brasileiro, desestruturou por completo o sistema existente, principalmente com a introdução de um modelo mercantil. A partir de então a energia elétrica é tratada e sujeita as leis de mercado. Não muito diferente de um pacote de bolacha comprado no mercadinho da esquina.

O que poderia parecer uma vantagem comparativa devido a $\frac{3}{4}$ da energia elétrica produzida no país ser gerada nas hidroelétricas (o restante com as termoeletricas, mais caras), acabou se tornando um grande motivo de preocupação. Em particular, devido às mudanças climáticas e seus efeitos decorrentes, que cada dia mais tem assola o planeta Terra. Por exemplo, o calor extremo no Sudeste

e a seca no Nordeste brasileiro. O que está acontecendo agora, portanto, é exatamente o que os cientistas do clima preveem que começará a ocorrer com mais frequência daqui para frente.

Virou moda, ainda mais em ano eleitoral, falar mal da política energética do governo federal. Em parte com toda razão, visto as consequências nefastas do modelo mercantil adotado, e que resultou em tarifas escandalosamente altas, uma sofrível qualidade no abastecimento com as interrupções frequentes no fornecimento de energia elétrica, os apagões (na geração e transmissão) e os apaguiños (na distribuição). Além dos riscos cada vez maiores do racionamento.

Todavia o que chama a atenção, e nos indigna, é a crítica partir de setores, de pessoas, que até “ontem” estavam à frente da gestão da política energética, e que foram e são os responsáveis, coadjuvantes diretos juntamente com os gestores atuais, dos descaminhos e descabros, que tem levado a tanta insegurança e problemas para o presente e futuro do Brasil.

Nas críticas atuais que partem de candidatos presidenciais (ora aliados, ora opositores), políticos oportunistas, “especialistas” de plantão (cada partido político tem o seu), de jornalistas setoriais, de consultoras, lemos, vemos e ouvimos uma ladainha que se repete insistentemente, não importa que o que se defende hoje, se ataque amanhã. São visões de curto prazo, imediatistas, cujo objetivo é o desgaste político. Não existe compromisso com as ideias, com a coerência, enfim com o país. É um vale-tudo onde a busca pelo poder

político é o que interessa, mesmo que para isso o país afunde.

O que importante é minar quem esta no poder. E ai, se incluem os “lobistas”, fabricantes de equipamentos que querem “vender” sua tecnologia, as grandes construtoras que querem construir mais e mais usinas, escritórios de engenharia. Aqui é o interesse econômico que prevalece ao interesse nacional.

O que é comum na política energética do governo anterior e do vigente é a falta de planejamento (em uns mais e outros menos), de investimentos necessários à modernização do sistema de transmissão e distribuição, a valorização dos técnicos e funcionários do setor, a falta de apoio na diversificação da matriz elétrica incorporando novas fontes renováveis de energia (sol, vento), uma política agressiva de conservação e uso eficiente de energia em conjunto com uma política industrial destinada a equipamentos mais eficientes, e uma falta de transparência crônica aliada a decisões antidemocráticas do Conselho Nacional de Política Energética, que de Conselho não tem nada, simplesmente aprova as propostas do poder executivo. E sem dúvida urge desbancar grupos políticos conservadores, retrógrados e com uma ética questionável no manejo da coisa pública instalados há décadas no Ministério de Minas e Energia.

A receita para sair do “buraco negro” em que se meteu o setor elétrico brasileiro requer vontade política. Mas que lamentavelmente nem o atual governo tem, e nem os anteriores tiveram. Portanto cabe a nós, o povo, decidir o que realmente queremos para nosso país. O resto são churumelas.

Modelo CRYPTON TT15

Respeite as regras de trânsito e os limites de velocidade. Sua vida vale muito.

Em duas rodas, o tempo não existe e longe, fica logo ali.

Motos DKM - Semi-novas - Motores de popa
Consórcio - Financiamento - Peças - Acessórios - Oficina.

www.rivermotos.com.br
river.angra@rivermotos.com.br
TEL: 24 3377 6733

Rua Bruno Andrea, 24-B Parque das Palmeiras
Angra dos Reis - RJ

APAGÃO

Texto por Clara Fischer

No Brasil não faltam possibilidades de produção de energia, mas o foco tem sido as hidrelétricas, que garantem bons resultados quando o clima permanece estável. Quando há variações climáticas inesperadas, como a falta de chuvas no Sudeste e Centro-Oeste, que correspondem por cerca de 70% da capacidade do país de gerar energia, os reservatórios de água esvaziam e as termelétricas são acionadas. Os reservatórios das hidrelétricas registraram, desde fevereiro, o mais baixo nível de armazenamento de água desde 2001, ano em que foi decretado racionamento de energia. Com o risco iminente de um apagão, representantes de 15 associações do setor elétrico entregaram uma carta ao ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, em que classificaram como “delicada” a situação dos principais reservatórios de hidrelétricas do país. No documento, eles pedem para as entidades serem ouvidas pelo governo nas discussões sobre medidas a serem tomadas para enfrentar o problema.

O governo tem minimizado a gravidade da situação, mas o discurso de Edison Lobão já mudou. Antes ele classificava o risco de falta de energia como zero, hoje ele já se posiciona afirmando que o risco é mínimo. Para o governo, as reservas de energia que restam e os novos empreendimentos que entrarão em operação ao longo de 2014 são o suficiente para manter o setor elétrico estável. As termelétricas também vêm crescendo, mas elas geram energia por meio da queima de combustíveis como óleo, gás, carvão e biomassa. O custo de acionar as termelétricas para poupar as hidrelétricas é caro, tanto para o bolso do contribuinte, que deve ver um aumento considerável na conta de luz em 2015, quanto para o planeta, com exceção da biomassa, as outras fontes de energia são altamente poluentes.

Mesmo com a previsão otimista do governo brasileiro, o próprio Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), confirma

que o armazenamento de água nos reservatórios precisa aumentar até o final de abril, quando termina o período de chuvas, para evitar problemas no fornecimento de energia. De acordo com o diretor-geral do ONS, Hermes Chipp, os reservatórios das hidrelétricas do Sudeste e Centro-Oeste precisam terminar o período de chuvas com nível mínimo de 43% da capacidade total. Ele garante que esse índice será o suficiente para manter o fornecimento de energia no país ao longo de 2014 e 2015 mesmo com chuvas durante o inverno abaixo da média histórica. O armazenamento médio das represas dessas regiões tem apresentado um índice de 35,69%. Ainda de segundo Hermes, 43% de armazenamento deve ser alcançado se chegarem aos reservatórios, entre os meses de março e abril, pelo menos 76% da quantidade média de água registrada historicamente nesse período.

Se a chuva vier não haverá problema nenhum para o sistema elétrico brasileiro, mas não é isso que diz a previsão, na maior parte do país as chuvas só chegam em maio e especialistas alertam para o risco de racionamento ou até mesmo apagão. O nível crítico dos reservatórios somado ao consumo intenso de energia no verão pode se tornar uma bomba relógio para o Brasil. O Instituto Acende Brasil fez uma análise comparando a situação atual com o ano de 2001, quando houve o apagão, e chegaram à conclusão de que os níveis dos reservatórios de energia elétrica são preocupantes. Segundo o Instituto, em 2001, os principais reservatórios estavam com 33% da capacidade e a energia armazenada era suficiente para cobrir dois meses do consumo de energia do país. Em fevereiro deste ano, com os reservatórios em níveis semelhantes, essa energia só dá para pouco mais de um mês e meio. O consumo de energia no país, que era de 45 mil megawatts, subiu para 70 mil este ano, o que eleva os riscos de um possível apagão.

Cuidando e ensinando com amor
Crianças de 6 meses a 6 anos



Berçário, Maternal, Jardim e 1º ano. Educação física, aulas de músicas e inglês. Professores, berçaristas capacitados, fisioterapeuta para bebês e nutricionista. Cardápio de acordo com legislação vigente, salas climatizadas, refeitório, ampla área verde, área coberta e salas com banheiro.

Parque das Palmeiras Angra dos Reis
Rua Juiz Orlando Caidellas, nº 126
(24) 3377.6542 (24) 3377.6619



Atecol
Contabilidade

PROFISSIONALISMO AO SEU FAVOR

Prestamos serviços direcionados à empresários, micro empresários, comerciantes em geral, prestadores de serviços, autônomos, empregadores domésticos e pessoas físicas. Sistemas e métodos de trabalho nas áreas contábil, fiscal, trabalhista e tributária.

www.atecol.com.br Rua da Conceição, nº 234
+24 3365-0320 Centro, Angra dos Reis

1973, um ano muito especial



Célio Albuquerque

Ex-editor da Revista Mar e Mar, atuou como colaborador em diversos veículos como revista Fatos e Fotos, TN Petróleo, Telebrasil, entre outras. Foi colunista náutico do JB. Também atua como produtor musical.

A intrigante reincidência de fatos importantes em determinados anos parece conferir a estes quase que vida própria. Com 1973 foi assim...

O prazer de ir à loja de discos comprar um LP tirá-lo da proteção plástica e colocar sobre a pick-up, levar a agulha na primeira faixa e deixar a vida rolar, deliciando-se com as letras, a ficha técnica e a própria capa são prazeres do século passado. Sensações que até podem ser revividas hoje. Mas, a magia do momento era outra. Em 1973, no Brasil, esse prazer foi um pouco mais especial. A produção fonográfica brasileira foi extraordinária. Em meio a ditadura militar e o final da era dos festivais, a música brasileira viveu uma verdadeira floração que não se limitou a um único estilo musical.

Ao longo dos anos vários desses discos foram aparecendo nas listas de melhores. E volta e meia, em conversas informais, fala-se de um disco interessante, importante, lançado naquele ano. O mesmo ano que estrearam com seus LPs craques como Gonzaguinha, Raul Seixas, Sérgio Sampaio, Fagner, João Bosco, Elton Medeiros, Walter Franco, Luiz Melodia e Secos & Molhados, entre outros.

Em meados de 2012 quando juntei canções, vozes e LPs daquele ano de 1973 e percebi o que vários amantes da música brasileira, cada qual da sua maneira, já haviam notado, nasceu o mote para o livro “1973 – o ano que reinventou a MPB”, lançado em 2014, pela Sonora Editora.

Após a editora comprar a ideia, passamos a ação. Junto com cerca de cinquenta autores, entre jornalistas, pesquisadores e artistas, selecionamos títulos que de alguma maneira consideramos importantes, icônicos para a música brasileira, para a cultura brasileira e construímos o livro. Uma obra coletiva, mesmo. Tanto que para as noites de autógrafos foram criados crachás reproduzindo a capa do livro e com a identificação do nome do autor. Não havia

necessidade de filas. Era só ver alguém de crachá e pedir um autógrafo. Só no lançamento do Rio, o primeiro, 31 dos 50 autores marcaram presença.

Discos de Odair José, Tom Jobim, Francis Hime, João Donato, Antonio Marcos, Milton Nascimento, Gal Costa, Chico Buarque, Marconi Notaro, Hermeto Pascoal e Nelson Cavaquinho, entre outros, foram resenhados. Roberto Muggiati, Luiz Antonio Mello, Pedro Só, Rildo Hora, Antonio Carlos Miguel, Moacyr Luz e Tavito, foram alguns dos autores dos textos presentes no livro.

Imaginemos o 1973 musical: o país inteiro rebolando ao som do “Vira”, embalado por um grupo de músicos seminus, cujo principal vocalista tinha voz feminina e se contorcia no palco. Ao mesmo tempo escandalizando e ganhando a simpatia de crianças, vovós e jovens antenados. Um dos anos mais sombrios da ditadura onde Odair José fez sucesso cantando a pílula anticoncepcional, indo na contramão do que pretendia o governo militar. Caetano Veloso, depois de um disco de sucesso arrebatador em parceria com Chico Buarque, brindou com seu experimental “Araçá Azul”, um dos discos mais devolvidos pelos lojistas na história fonográfica brasileira. O pianista/arranjador/compositor Eumir Deodato consagrou-se como um dos maiores vendedores de discos no mundo, com sua versão para “Zarathustra”, de Strauss. É ou não é um ano para entrar na história?

É importante ser sublinhado que os discos selecionados não foram impostos. Todos os autores, de uma maneira ou de outra, tinham e tem uma relação afetiva com os discos e com os artistas. O percussionista Marcos Suzano, por exemplo, foi selecionado para falar do disco “Amazonas”, de Nana Vasconcelos, por sua identificação com o artista e com o disco. Rafael Zapater, foi uma indicação de Aretha Marcos, uma das filhas de Antonio Marcos. Rafael é responsável por

um blog sobre o cantor e compositor. Da mesma maneira, Rildo Hora e Tavito foram selecionados para falar respectivamente dos discos de Martinho da Vila e Zé Rodrix, porque além de amigos dos artistas, foram responsáveis pela produção dos discos resenhados.

Ao longo do processo de confecção do livro um número grande de LPs acabou não tendo suas resenhas publicadas. Era preciso ter um limite. Mas, não era apenas ter o disco, era preciso ter um autor que vestisse a camisa, tivesse uma identificação de fato, de uma forma completa e estivesse disponível para fazer o texto. A cada momento um leitor vai pensar um disco que poderia estar e não está. E isso também tem seu lado bom, pois ressalta a importância de 1973, um ano que foi fértil em lançamentos, que se firmou pelo talento de seus artistas, sem vincular-se a um movimento. O movimento era o movimento musical, pela qualidade musical. Fosse da obra mais popular ao mais experimental.

Como foi dito no prólogo do livro “A intrigante reincidência de fatos importantes em determinados anos de nossa história parece conferir a estes quase que vida própria. Em alguns casos, é difícil resistirmos à tentação de os colocarmos na posição de agente. Como se ele, o ano “em pessoa” tivesse sido “autor” dos fatos e não meramente um espaço temporal para que os eventos acontecessem”.

“Sem nenhuma pretensão de destronar 68, propomos incluir mais quatro números nesse elenco de espaços temporais em que a Terra não teria dado uma volta qualquer em torno do sol. Algo inexplicável aconteceu em 1973 com a música no Brasil que colocou nas prateleiras LPs que teimam em resistir ao tempo. O idealizador deste livro e seus autores não pretendem fornecer explicações para o fenômeno inexplicável em sua própria essência, mas sim abordar a certeza absoluta do mistério que envolverá para sempre 1973 – O Ano que Reinventou a MPB.”

LISTA DOS AUTORES DE 1973

Aimeé Louchard * Álvaro Costa e Silva * André Agra * André Cananéa * Analu Germano * Antonio Carlos Miguel * Ayrton Mugnaini Jr. * Beto Feitosa * Carlos Evandro Lordello * Célio Albuquerque * Cláudia Menescal * Dácio Malta * Danilo Casaletti * Emilio Pacheco * José Maria dos Santos * José Rosa Garcia * José Teles * Luis Pimentel * Juca Filho * Luiz Américo Lisboa Júnior * Luiz Antonio Mello * Luiz Felipe Carneiro * Luiz Fernando Vianna * Luiz Maciel * Marcelo Fróes * Marcos Sampaio * Marcos Suzano * Marcus Veras de Faria * Maurício Gouvêa * Moacyr Luz * Mona Gadelha * Nélio Rodrigues * Nilton Pavin * Pedro Só * Rafael Zapater * Regina Zappa * Renato Vieira * Ricardo Moreira * Ricardo Pugiatti * Ricardo Schott * Rildo Hora * Roberto Muggiati * Sérgio Natureza * Sílvio Atanes * Sílvio Essinger * Talles Colatino * Tavito * Thelmo Lins * Vagner Fernandes * Vicente Dattoli * Washington Santos.

Organização
Célio Albuquerque

O ANO QUE REINVENTOU A MPB

1973

A HISTÓRIA POR TRÁS DOS
DISCOS QUE TRANSFORMARAM
A NOSSA CULTURA

Sonora
EDITORA



**O VERDADEIRO
SABOR DE MINAS
SEM SAIR DE ANGRA**

 **24 3365-1674**

CENTRO
Rua da Conceição, n° 159
JACUECANGA
Rua da Paz, n° 32
JAPUÍBA
Rua Itaperuna, n° 48



Quarta **Sexta e sábado**



Peixe c/ Banana Feijoada

Todos os dias



Lula Recheada ao molho de camarão Filé de peixe ao molho de camarão

Prato feito, Refeições Marmitex

**SEGUNDA À SEGUNDA
DAS 10H ÀS 01H**

Rua Conegos Bittencourt, 69 - CENTRO
24 3365 2009 | 3367 2958
99843 5223 | 99829 0611



CURTO-CIRCUITO

Memorável



Holmes Antônio

Médico Pediatra e Psiquiatra; Professor da Universidade Federal Fluminense de Psiquiatria da Infância e Adolescência (Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental, Instituto de Saúde da Comunidade).

Na década de noventa, quando era residente num hospital da antiga capital de Pindorama, um curto-circuito iniciou um incêndio que teria grandes proporções em todo um andar do hospital, exatamente naquele em que as pessoas contavam com menor autonomia para se deslocar: a Unidade de Terapia Intensiva. Eu estava lá.

Uma unidade intensiva já daquela época contava com vários equipamentos eletrônicos para cada paciente – oxímetro de pulso (mede a oxigenação com um feixe de laser na ponta do dedo), respirador mecânico, monitor cardíaco, bomba infusora (para controlar a precisão da injeção de alguns medicamentos pela veia ou de alimentos por sonda), desfibrilador cardíaco, dentre outros. Normalmente as instalações elétricas são vistoriadas com frequência, mas não são raros os relatos em bastidores de algum problema que aconteceu nunca aqui, mas tem um caso lá em Saramandaia, outro em Sucupira, e fora do país: na Chechênia, no Sudão do Sul, e por aí vai. Nunca por aqui.

Naquele dia, absolutamente de caos comum (havia dias de caos extraordinário, outros de caos extremo), com pessoas amontoadas na espera, doidas para a fila andar e ficarem amontoadas nas macas, eu subi ao CTI.

Sempre ia aquele oásis de frescor, numa época em que ar-condicionado era um luxo, para tomar um não. “Não temos vaga.” “Venha depois, tou ocupada agora.” “O pediatra?” “Avisa pra ele que não entendo nada de criança”. “O plantonista de amanhã já estagiou no setor dele”. Bom treinamento, aliás, para quem começa a namorar esses não.

Meu caso do dia era uma criança que tivera uma parada cardíaca e

respiratória, fora reanimada por um preceptor sensacional que tínhamos, e estava há uma hora sendo ventilada com um ambu, que é aquela bombinha de ar no formato de uma bola de futebol americano, que tem como motor as mãos. Depois de uma hora fazendo o mesmo movimento de aperta-aperta, a mão começa a ficar dormente, e num lugar que temos respiradores mecânicos, por que não os usar?

Não podia voltar com um não. Já fora instruído por meu preceptor: “eles vão dizer não. Veja se tem um respirador livre, mesmo que esteja no corredor, e diga que vai trazer, se eles não aceitarem a criança. Eles vão dizer não, e justificar que o aparelho não foi desinfetado. Avise que o setor de desinfecção já está avisado, passe lá antes e avise”, me orientou. Tem gente que consegue antecipar o pensamento e a fala de qualquer um. Assim fiz e recebi o ok. Mas como o setor de desinfecção estava sem ninguém no local naquele momento, inverti a pauta e fui lá na volta, acertando os últimos detalhes com o compromisso de urgência para transportar e limpar o equipamento.

Quando voltamos ao CTI para pegarmos o aparelho, tive que ficar alguns minutos até aparecerem papéis de liberação da máquina e o responsável por tal procedimento. Comecei a olhar cada um dos seis pacientes internados, todos muito graves, e o plantonista trabalhava incessantemente. “Doutor, não vai almoçar de novo?”, perguntou uma paciente que estava para ir de alta. Ele sorriu e continuou a limpar um tubo respiratório que havia obstruído. Perguntei se ele queria ajuda (para um residente, poder ajudar é também chance de aprender). Me arrependi: tive que segurar um tubo traqueal (de respiração) cheio da típica secreção do local, e eu estava sem luva, mas dei um jeito e comecei a trabalhar.

Já tinha se passado meia hora e nada de liberação do equipamento. Àquela altura já conhecia um pouco de cada paciente dali. Enquanto ajudava, o plantonista foi me dando aula sobre cada um dos seis comensais. A última a ser apresentada era uma jovem mulher que, após um grave acidente, havia ficado com todos os músculos do corpo paralisados, inclusive os da respiração. Vivia há meses naquele local. Os únicos movimentos que lhe restavam eram os dos olhos, que estavam todos voltados para cima naquele momento.

Um membro da equipe gritou: “convulsão!”. Ela moveu os olhos num código já conhecido no local e que significava “não”. E girou os olhos novamente para cima. Foram uns dez segundos de aparente desespero dela, que tentava se comunicar, e da equipe, que não conseguia compreender. Até que o plantonista resolveu olhar na direção que seus olhos apontavam: fumaça na saída do ar condicionado.

Em pouco mais de um minuto a densidade aumentou e já se via uma nuvem escura sendo formada. “Incêndio”. Com a rapidez que é peculiar ao local, as ações foram coordenadas como se a equipe estivesse preparada para incidente semelhante, e em poucos minutos, antes que a fumaça tomasse todo o andar, os pacientes com os equipamentos vitais haviam descido todos os andares. Inclusive o respirador para a pediatria. Ninguém ficou ferido.

Depois que tudo passou, quis ver novamente aquela paciente e seu olhar. Estava sereno e com ares de missão cumprida. Como olhar um olhar, de quem quer que seja, a partir daquele dia, sem um respeito reverencial? Sem nos esforçarmos a compreender o que o outro quer de nós?

Poesia no **ESCURO**



Toninho Vaz

Jornalista desde 69 com passagens por diversos jornais e revistas nacionais. Autor de biografias renomadas com enfoques da memória nacional.

Gás neon. Na poesia, a palavra neon ainda permanece indicativa de modernidade, mesmo com o surgimento, mais recentemente, da modernidade dicróica. Em tese, como feixes eletromagnéticos desgovernados, vamos nos afastando da idade das trevas. Apenas em tese.

Na realidade, começamos o ano de 2014 com dramáticas notícias que nos chegam pela imprensa, em meio aos apagões arremetidos pelos ares: o setor energético, hoje, polui 30% mais em relação aos dados de 2006, e gera R\$ 11,5 bilhões por ano de desperdício. Isso significa que toneladas de gás carbônico estão sendo despejados no meio ambiente, ou seja, o dinheiro do contribuinte e a vida da população se esvaem como um raio. Ou melhor, como uma descarga elétrica. Assim costuma dizer Suely, minha diarista: “estão brincando com fogo”.

Não é à toa que o primeiro capítulo do meu livro Solar da Fossa, que conta a história da mitológica pensão de Botafogo, se chama *A turma de 66, a luz estava no começo do túnel*. Sim, pois não há mais luz no fundo do túnel. E não é apenas uma questão semântica, pois parece óbvio a todos os poetas que o presente será melhor do que o futuro, enquanto o passado é inigualável. Caminhamos, finalmente, para a nossa vocação bladerunner, o futuro imediato.

Alguns poetas chamam de barbárie os tempos modernos, góticos, feitos de violência, superpopulação, fome, falta de água e, por consequência, energia. A chapa está esquentando pelo calor do sol e não pela condução da brisa do ventilador de Deus, a natureza agredida. Não se pode, mesmo que se queira, passar a vida na flauta; alguém tem que pagar a conta da luz, do gás, do telefone...

O mundo foi globalizado também por um ato da economia mundial, mas principalmente pelos meios de comunicação, que forneceram o sentido social da aldeia global. Assim, com a rapidez de uma notícia transmitida pela televisão ou pela internet, a nossa carga de informação não-seletiva se propaga na velocidade da luz, em direção ao nada, como nos minutos finais de 2001, Uma Odisseia no Espaço, o igualmente mitológico filme de Kubrick. Ao homem é dado o direito de envelhecer e morrer. Sem pessimismo, pois temos que procurar sem trégua a tal felicidade, hoje escondida em carros luxuosos ou exóticos, resorts confortáveis, abundância de ostentação e, sobretudo, corrupção desenfreada – que nada mais é do que a procura da felicidade pelo dinheiro. Uma praga moderna que o brasileiro, com alguma graça e viço, transforma em piada ou poesia.

oBoticário

Rua do Comércio
3365-2632

Shopping Piratas
3367-1442

Parque Mambucaba
3362-4249

Angra dos Reis - RJ

www.boticario.com.br

Angra Farm
FARMÁCIA E MANIPULAÇÃO

Deixe a Natureza
cuidar da sua Saúde

Manipulação, Homeopatia,
Fitoterápicos, Dermocosméticos
e Produtos Naturais
Revendedor Autorizado:
Dermage, Dermatus,
Adcos e Sanavita

Venha
conhecer a
nova loja no
Beco da
Arte - Centro

Travessa Dr. Louzada, 28
Centro, Angra dos Reis - RJ
Telefone: 24 3365.1959

Rua Professor Lima, 160 - A
Centro, Angra dos Reis - RJ
Telefone: 24 3365.3168

Energia Nuclear e Plano de Emergência



Leila M. Kasserer

Professora de Geografia pela UFRJ, Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental pela UFRJ, Extensão em Tecnologias Assistivas pela UNESP, cursando Pós em Educação Especial pela UCDB. Atualmente lecionando na Escola Municipal para Deficientes Visuais de Angra dos Reis, na Sala de Recursos Multifuncionais.

Quando se fala em energia, no sul do Rio de Janeiro, logo nos vem à mente a energia nuclear e à existência e eficiência de um Plano de Emergência. Em estudo feito no início dos anos 2000, levantamos alguns elementos críticos em relação ao Plano de Emergência. O primeiro desses elementos é o desconhecimento sobre os procedimentos previstos para implantação do PEE (Plano de Emergência Estadual) e aos momentos de sua viabilização, na prática. O conjunto da população, apesar e em decorrência do formato das ações de divulgação do referido plano, de maneira geral, desconhece inclusive a nomenclatura das etapas das ações que deflagram o Plano. Além disso, não se prevê nenhuma ação junto à população nas fases iniciais de um incidente que pode ou não vir a se tornar um acidente. Do nosso ponto de vista, tal dinâmica fragiliza a capacidade de resposta tanto da população quanto das instituições envolvidas nas ações concretas de proteção. Para a população parece que se esconde a ocorrência de “problemas” nas Usinas, o que não contribui para a confiança no sistema.

Além disso, sabemos que também não há mobilização de recursos para o início das ações – pessoal dos abrigos, pessoal e equipamentos de saúde, etc. -, há apenas checagem se estão em condições de serem mobilizados: as condições materiais atualmente disponíveis na região

implicam em um quadro de abrigos dispersos (escolas); as prefeituras contam com um quadro de servidores das áreas de saúde e educação com residência fora dos municípios e com deslocamento demorado e no caso da assistência social não há pessoal suficiente; a existência de locais incluídos nas ZPE's (Zonas de Planejamento de Emergência) 3 e 5, bem como em outras regiões do município, onde a recepção dos sinais de transmissão dos meios de comunicação, mesmo tendo melhorado, ainda é intermitente ou inexistente, implicando em deslocamento das equipes de Defesa Civil; o crescimento urbano descontrolado e desordenado nas áreas das mesmas ZPE's, entre outros elementos têm sido os argumentos dos que, ao longo dos anos, propõem a alteração das regras do PEE, no que diz respeito à sua implementação.

Outro item diz respeito ao despreparo dos profissionais das diversas instituições e órgãos para as ações previstas, principalmente por desconhecem o Plano e por não terem envolvimento direto e frequente nos exercícios. Em especial aqueles que serão deslocados de outras cidades para a região (em particular os servidores dos órgãos estaduais de saúde e assistência social).

Um elemento bastante grave, do nosso ponto de vista, é o da inexistência de um grupo estável de profissionais das diferentes áreas



vinculados ao PEE na estrutura das Prefeituras locais, capazes de assegurar não só a existência de uma memória institucional, mas, principalmente garantir a capacidade de resposta baseada na continuidade das discussões do PEE, bem como sua efetiva implantação, a partir desta mesma memória (elementos críticos verificados nos exercícios, pontos frágeis nos sistemas, possibilidades e alternativas de rumos nos procedimentos, entre outros) com conhecimento das estruturas dos serviços e estruturas existentes na região, e que não se desfaçam com a descontinuidade política. Sem contar a ausência de treinamento dos servidores que não são da Defesa Civil, e eles não serão os únicos a atuar em uma emergência, seja ela qual for, como se pode verificar nas tragédias climáticas de 2002, 2010 e 2013 em Angra dos Reis. Além disso, a existência de um núcleo permanente dá maior visibilidade e concretude ao próprio Plano de Emergência, e deve existir em todos os municípios, mas em especial em Angra e Parati.

O quadro atual cria uma situação de risco para as ações de proteção à população em caso de acidente nas unidades nucleares de Angra dos Reis.

ENERGIA LIMPA:

um bem valioso que não pode ser perdido



Renato da Fonseca

Ph.D. em economia pela Universidade da Califórnia de Berkeley. Autor de diversos estudos sobre crescimento econômico, produtividade e competitividade, comércio exterior e indústria brasileira.

O Brasil possui uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo. Enquanto na média mundial apenas 13% das fontes de energia são renováveis, no Brasil esse percentual é de 46%. No caso da energia elétrica, a diferença é ainda maior. Cerca de 80% da geração brasileira advém de fontes renováveis. Na média mundial, a situação é inversa.

Como consequência, a emissão de CO₂ na geração de energia no Brasil é menos de 2/3 da emissão média dos países desenvolvidos. Com isso, os bens produzidos no país geram bem menos emissões de gases de efeito estufa (GEE). Além de bom para o meio ambiente, isso proporciona vantagem no comércio internacional dada a crescente preferência por bens menos poluidores.

É fundamental que a matriz energética brasileira se mantenha mais limpa do que a de seus principais competidores. Isso não é difícil. Ainda há muito para se explorar do potencial hidroelétrico do país (70%), bem como é possível aumentar o uso de outras fontes renováveis como biomassa, eólica e solar.

Infelizmente, nos últimos anos a tendência, ainda que gradual, tem sido de redução da participação das energias renováveis na geração total de energia no Brasil. Em um sistema baseado na

geração hidroelétrica, o atraso nas obras de usinas hidroelétricas e as crescentes restrições socioambientais surgem como principais causas dessa tendência.

Restrições socioambientais têm levado à construção de plantas que operam sem reservatórios. Com isso, a geração fica cada vez mais dependente do fluxo dos rios e o país cada vez mais dependente das térmicas. Cada vez que o volume de água nos reservatórios se reduz, o país é obrigado a por em funcionamento usinas termoeletricas o que implica em maiores custos e maiores emissões de GEE. O país está trocando barragens por termoeletricas. Seria essa a opção correta para a proteção do meio ambiente?

Outro efeito negativo da política atual é o aumento do custo da energia. Se há alguns anos o Brasil tinha a vantagem de ter energia barata, atualmente nossa tarifa é uma das mais caras do mundo. O aumento da tributação é o maior vilão, mas a energia gerada pelas termoeletricas além de mais poluidora, também é mais cara.

Ao continuar a tendência atual nós, brasileiros, perderemos duas vezes: maior prejuízo ao meio ambiente e menor competitividade de nossa indústria.

MARKO
SUCOS & LANCHES
LANCHONETE

O nosso suco é servido na jarra que contém de 1 copo e meio a 2 copos!

Ligue (24) 33671372 Centro, Angra dos Reis
Rua Professor Lima, 22

**TRANSPORTADORA
MONIKETIS**

ANGRA DOS REIS
Rua Professor Lima, 22 - Loja A - Centro
24 3365-2111/9824-1142/ID 131*675
transportadoramaniketis@hotmail.com

RIO DE JANEIRO
Rua Mário Pena, 71
Parque Columbia - Pavuna
21 3835-9956
transposradoramaniketis.rj@hotmail.com

SÃO PAULO
Av. Domingos Fanganiello, 444
Vila Melliani - Guarulhos
11 4307-5197 / 4307-5198
transposradoramaniketis.sp@hotmail.com

Tempos de rediscutir a **MATRIZ ENERGÉTICA NACIONAL?**



Elbia Melo

Economista, Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Presidente Executiva da ABEÉólica – Associação Brasileira de Energia Eólica.

Os recentes acontecimentos e as “acaloradas” discussões em torno da oferta de energia elétrica no Brasil podem nos trazer lições importantes caso tenhamos a perspicácia e capacidade de percebê-las e aproveitá-las.

Desde a formulação e implementação de “um novo modelo para o setor elétrico brasileiro”, no biênio 2003/2004, já se passaram 10 anos. De lá pra cá, o Brasil evoluiu consideravelmente no sentido de propiciar um setor elétrico adequado, com um marco regulatório estável e sinais positivos aos investimentos. Os três pilares preconizados pelo modelo proposto: segurança no abastecimento, modicidade tarifária e universalização do serviço vêm sendo perseguidos pelo governo e têm alcançado sucesso.

A partir da realização dos leilões de energia para novos empreendimentos, foram realizados 14 leilões de energia nova, dois leilões de fontes alternativas, quatro leilões de energia de reserva, além dos leilões das hidrelétricas de Jirau, Santo Antonio e Belo Monte. Foram contratados

63,6 GW de capacidade instalada, sendo 43% de hidrelétrica, 40% de térmicas, 12% de eólica e 5% de biomassa. O preço destes recursos vem apresentando preço marginal da ordem de R\$135,00/MWh, em média. Nestes 10 anos, o País acrescentou 42 GW de capacidade instalada de geração e 14.870Kms de linhas de transmissão. Além disso, o Programa Luz para Todos incluiu nos últimos anos cerca de três milhões de lares brasileiros, o que corresponde a 14,7 milhões de pessoas.

A recente queda no nível de reservatórios e a necessidade de despacho de usinas térmicas acendeu uma luz amarela para os rumos em que a matriz energética nacional vem seguindo. Tais fatos demonstram a importância de repensar o modelo elétrico brasileiro sob uma perspectiva mais ampliada. O modelo de leilões, implementado a partir de 2004, está se mostrando muitíssimo eficiente na medida em que permitem um alto grau de competição entre os players e, portanto, preços de suprimento módicos para a energia

elétrica. Tal modelo vem sendo “copiado” por muitos outros países e vem influenciando o modo de pensar inclusive na contratação das energias renováveis não convencionais que, historicamente, foram contratadas por meio de subsídios.

O setor eólico no Brasil é emblemático, na medida em que esta fonte tem apresentado resultados importantes desde 2009, quando inserida no modelo competitivo de contratação, e atingiu patamares de preços equivalentes a metade do que havia sido pago inicialmente no PROINFA, em 2004. Tal feito sinalizou o potencial de crescimento desta fonte no mercado e, desde então, os sucessivos leilões consolidaram sua competitividade, quando a energia eólica atingiu patamares de preços da ordem de R\$100,00/MWh, tornando-se a segunda fonte mais competitiva do Brasil. Neste período, no qual a fonte participou de sete leilões, foram contratados 7,1 GW de novos projetos, os quais elevarão o volume de instalações de energia eólica para 8,8 GW até 2017.

A experiência do Brasil com a crise de suprimento no biênio 2001-2002 trouxe lições importantes quanto à necessidade de diversificação da oferta de energia. Desde então houve uma busca para a transformação da matriz elétrica, ora fortemente fundamentado em bases hidrelétricas, para um sistema hidrotérmico, além da introdução do PROINFA, que teve o objetivo de inserir na matriz as fontes renováveis não convencionais de energia como eólica, biomassa e PCHs.

Hoje o Brasil apresenta uma matriz elétrica com 123 GW instalados, composta por 69% de hidrelétricas, 27% de termelétricas, 2% de eólicas e 1,6% de nucleares. O País dispõe de diversas opções de geração de energia limpa para sua expansão, incluindo a hidroeletricidade, a energia eólica, a cogeração, a biomassa e a energia solar.

O Brasil é o país mais renovável do mundo, pois a geração de energia efetiva provem de cerca de 90% de energia renovável com 452TWh de geração de energia elétrica em 2011 e 444TWh em 2012. Essa grande participação das fontes renováveis

na matriz elétrica (e energética), nos permite buscar, no longo prazo, uma matriz diversificada e segura em termos de suprimento.

Neste sentido é primordial calibrar a matriz de forma limpa, renovável e segura. Contudo é fundamental levar em conta, em um processo de decisão otimizada e racional, a importante participação dos empreendimentos termelétricos como componente da segurança energética, uma vez que os recursos renováveis por si só não são capazes de suprir as necessidades do sistema em situações adversas da natureza. Ademais, por questões de política ambiental, o Brasil está, cada vez mais, abrindo mão de expandir o sistema hidrelétrico com reservatórios, o que torna o País dependente, de forma crescente, das termelétricas, não podendo se eximir de uma importante discussão da matriz energética nacional, uma vez que um dos insumos para esta fonte, o gás natural, tem outros usos importantes para a economia.

Do lado da demanda, o desenvolvimento tecnológico permite novos modelos de negócio, onde o consumo racional de energia elétrica

pode ser um importante componente do equilíbrio de longo prazo da matriz, na medida em que sistemas como Smart Grid e Net Metering podem permitir, por parte do consumidor, o gerenciamento do consumo e, portanto, o uso racional desse escasso recurso.

A experiência recente do Brasil ao gerenciar a situação de baixo nível dos reservatórios, demonstra a grande importância de uma boa combinação de todas as fontes de geração de energia disponíveis e deixa claro a importância de se levar em conta a complementariedade entre essas fontes. Por isso, o País não pode abrir mão de nenhuma fonte, mas deve sim calibrar e equilibrar sua matriz com o objetivo de alcançar o ótimo de longo prazo, traduzido em eficiência econômica e sustentabilidade socioambiental. Neste contexto, observa-se atualmente uma forte sinalização por parte do governo em rediscutir a matriz energética brasileira e o atual modelo de contratação de energia, que vinha sendo pautado nos últimos três anos, essencialmente, em preços. Tal discussão, salutar para o País, se mostra sensata e oportuna.

O jeito feminino de viver!

Mês da Mulher

20 de março a 2 de abril

Programa-se e participe!

20 Março Quinta
14h Bicicleta Viva – Viva Mulher – Encontro com as Normalistas
Bicicleta Municipal

24 Março Segunda
14h Conversando com as Mulheres da Lanchada
Escola Municipal

25 Março Terça
18h Roda de Conversa – O dia e da da Mulher
Plenário da Câmara

26 Março Quarta
12h Cinema Mulher – entrevista com Mulheres de nossa Terra
TV Câmara – Canal 14 de NET
14h Encontro da Pastoral da Mulher
Convento do Carmo

27 Março Quinta
17h Mulheres na Arte Marcial
Praça da Matriz

28 Março Sexta
14h Conversando com as Mulheres de Mourauba
CRAAS de Mourauba

29 Março Sábado
19h30 Banquete de Rainha Ester
PEB – Igreja Batista da Iguaba

31 Março Segunda
14h Bicicleta Viva com as Mães da Escola Colôque
Custódia de Frade

02 Abril Quarta
12h Cinema Mulher – entrevista com Mulheres de nossa Terra
TV Câmara – Canal 14 de NET

Organização: ANGRA, Comissão de Mulheres, Câmara Municipal de Angra dos Reis, Comissão de Direitos da Mulher

Apoio: Eletrobras, Eletro nuclear, MATOS TRAVESSA, SB 500, UCEB

Parceiros: MCA, Prefeitura de Angra dos Reis, Prefeitura de Iguaba Grande, Prefeitura de Mourauba, Prefeitura de São João do Rio Preto



Revendo os conceitos energéticos nacionais com Ruth Soares

Texto por Clara Fischer . Fotos Divulgação

O tema “Energia” nunca esteve tão em foco no cenário nacional. Poucas chuvas, alto consumo e planejamento errôneo se uniram para deixar o quadro energético brasileiro muito instável. Existe a possibilidade de racionamento e, talvez, um apagão. Apesar do governo não criar nenhum tipo de alarde e dizer que a produção energética brasileira vai muito bem, não é isso que apontam as pesquisas e garantem os especialistas. O investimento maciço em energia hidrelétrica, com termelétricas baseadas na queima de combustíveis fósseis como apoio deixa uma grande lacuna e pode colocar a matriz energética em risco. Uma solução seria o investimento em energia nuclear, o que é condenado por ambientalistas apesar de ser uma energia limpa. Hoje o país detém todas as etapas da

produção de energia através das usinas nucleares e o investimento nessa área poderia solucionar o problema energético nacional. Ruth Soares é Engenheira electricista formada pela Universidade Federal Fluminense, funcionária de carreira da Eletrobras Eletronuclear desde 1978, trabalhou no projeto, detalhamento, construção e montagem da Usina Nuclear Angra 2 e em modificações técnicas de Angra 1 e é presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear – Aben. A Revista Rumo entrevistou Ruth para saber um pouco mais sobre a situação energética do país e os rumos da energia nuclear brasileira.

Vivemos hoje no país uma das piores secas dos últimos 80 anos, o que isso pode ocasionar?

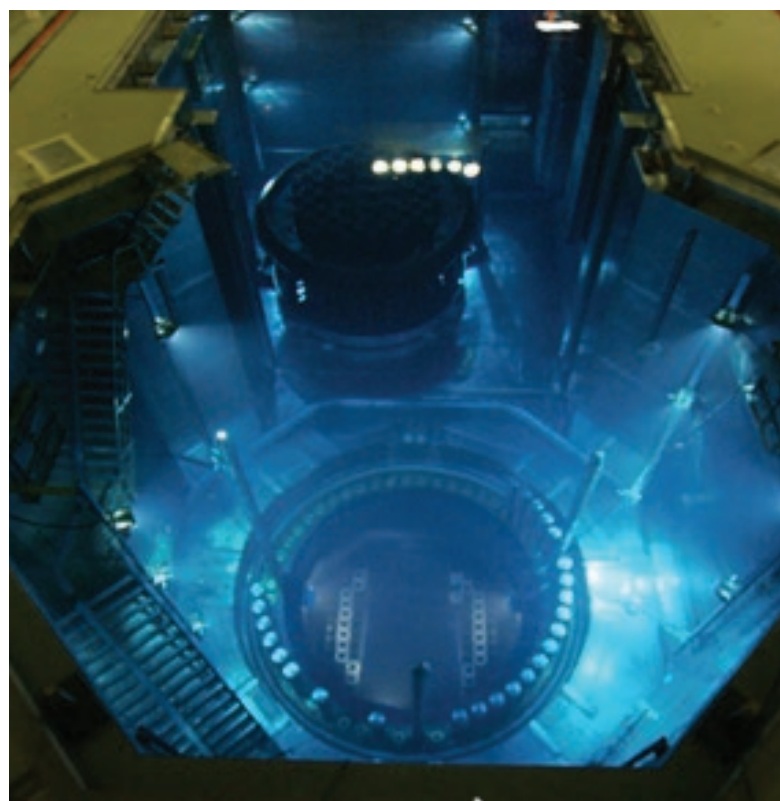
Como o Brasil tem hoje uma matriz hidrotérmica, uma seca como esta

acarreta a necessidade de produção de maior quantidade de energia gerada por fontes movidas a combustível fóssil.

Em 2001 houve um grande e supostamente programado apagão, hoje as reservas de energia se equiparam a esse ano de 2001. Corremos o risco de ficar no escuro?

Um apagão nunca é programado. É, isso sim, uma falha no planejamento da geração ou transmissão de energia de um país. Com o atual status das reservas, o maior risco ainda é o forte aumento de preços na energia, porém não estando descartada a possibilidade de cortes seletivos de suprimentos se as condições se agravarem (não chover nos pontos necessários). Adequadamente.

A meta para a produção de energia nuclear brasileira era



de cerca de mais usinas e hoje só existem 2 em funcionamento e 1 em construção, essa discrepância pode ser uma das causas do problema elétrico que o país está passando?

No acordo Brasil/Alemanha eram previstas até 8 usinas. Condições econômicas e financeiras barraram a continuidade das construções nucleares e também das usinas de outras fontes de alimentação. O crescimento da população aliado ao aumento de renda leva a um aumento de consumo (melhor qualidade de vida) que as atuais condições do sistema elétrico não estão atendendo a preço módico e com confiabilidade.

Alguns ambientalistas são contra a produção de energia através de fissão nuclear e preferem a produção com usinas eólicas e solares. Qual argumento poderia

ser usado para justificar o uso da energia nuclear?

Está é uma posição inadequada. Usinas eólicas e solares são fontes complementares ao suprimento de energia, não conseguindo responder às necessidades de consumo da população, da indústria e do comércio. Quando este suprimento complementar não está disponível são acionadas as usinas movidas à combustível fóssil (caro e poluente). Hospitais funcionam 24 horas por dia e 365 dias por ano e não apenas quando venta ou tem luz do sol. É obrigação de Estado oferecer condições dignas de sobrevivência e conforto à sua população.

Muitos cientistas acreditam que o planeta está mudando drasticamente o seu clima, isso pode afetar a produção das

 **COOPERATIVA EDUCACIONAL
CÉSAR ALMEIDA**

A Cooperativa Educacional César Almeida visa despertar o gosto pelo conhecimento, formar cidadãos reflexivos e atuantes para construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Venha fazer parte deste projeto!

**MATRÍCULAS
ABERTAS**

**LIGUE
3365-1415**

Ensino Fundamenta - 6º ao 9º ano

Ensino Médio - 1º ano

Curso Preparatório para
Escolas Militares e Técnicas

Parque das Palmeiras - Angra
Rua Dr. Orlando Gonçalves, Nº 215
acecangra@ig.com.br

 **Colégio
Jean Piaget**
Ensinando a SER

Educação de excelência se
avalia pelos seus frutos



O Colégio Jean Piaget tem elevados índices de aprovação em vestibulares: UFRJ, UFF, UERJ, UNIRIO, UFMG, UFJF e USP.

Agora com Ensino Integral do
Maternal ao 5º ano
Matrículas Abertas do Maternal ao
Pré-Vestibular

Parque das Palmeiras, Angra dos Reis
Rua Bruno Andrea, 320
Telefone: 24 3365-1705
E-mail: colegio_jeanpiaget@hotmail.com



Costela Bar

Curta suas noites com músicas ao vivo!

Experimente a melhor costela de Angra dos Reis

(24) 3364-4625

Av. José Elias Rabha, Nº 69
Balneário - Angra dos Reis
(Se segunda à domingo a partir das 18h)



Papão Lanches

vai até você

**MAIS SABOR
MAIS VERÃO!**

Delivery
TODOS OS DIAS
Das 18h30 às 23h
3377-2757



Ruth Soares é presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear

usinas hidrelétricas. Se fosse necessário substituir essa fonte de energia pela nuclear, de quanto tempo o país precisaria?

De acordo com a ANEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica - temos hoje em torno de 70.000 MW de capacidade hidrelétrica instalada. Isto representa cerca de 35 centrais como as usinas de Angra 1 e 2 (2.000 MW). Como o fator de capacidade de uma usina nuclear é quase o dobro de uma hidrelétrica de mesmo porte, seriam necessárias umas 22 centrais como Angra 1 e 2 somadas. Construir 22 usinas nucleares poderia requer 20 anos de trabalho e investimento, além de decisão estratégica e política. Isto já foi feito na França (que possui 58 usinas) e nos Estados Unidos (100 usinas). Atualmente o programa nuclear da China constrói, simultaneamente, 28 unidades com mais de 30.000 MW de capacidade instalada.

Hoje a produção de energia nuclear está centrada no país ou ainda é necessário contar com material estrangeiro para manter as usinas em funcionamento?

A produção de combustível

nuclear no Brasil pode perfeitamente atender as usinas existentes e outras que vierem a ser construídas. O país tem reservas enormes de urânio e domina todas as etapas e os processos da produção de combustível. Somos um dos três únicos países no mundo que têm tecnologia, combustível e usinas.

Muitas pessoas questionam os locais onde são construídas usinas. Belo Monte repercutiu de forma muito negativa na mídia e as usinas de Angra dos Reis são mal interpretadas pela população, que não entende os motivos do posicionamento geográfico das usinas. Para uma construção como uma usina nuclear, quais são os fatores necessários?

A escolha da região de Angra foi devido a ser um centro geográfico entre as cidades de maior desenvolvimento/consumo no País (Rio de Janeiro – São Paulo e Belo Horizonte). Quando da instalação da Central de Angra, a região era muito despovoada. Nem a estrada Rio-Santos existia. A tomada de decisão obedece sempre ao planejamento energético do país.

A seleção de locais para a instalação de centrais nucleares obedece a uma série de critérios técnicos como estudos que consideram aspectos geográficos, geológicos, demográficos, meteorológicos, hidrológicos, sismo-

lógicos e geotécnicos dos sítios potenciais candidatos à instalação de uma Central Nuclear. Obedece ainda à legislação vigente e as normas estabelecidas pela Comissão Nacional de Energia Nuclear – CNEN. São considerados os diversos aspectos socioambientais, técnicos e econômicos e também a promoção do envolvimento do público em geral (cidadania, autoridades e outros).

Processos de seleção de sítio

Uma seleção adequada de sítio é o primeiro passo para a viabilização empresarial da nova central e para a sustentabilidade do empreendimento, cujo processo de seleção tem quatro etapas, a saber:

Etapa 1 – Exclusão:

Através de 12 critérios de exclusão como impedimentos regulatórios, institucionais, de projeto, ambientais e outros, são eliminadas áreas onde a instalação de usinas nucleares é inviável.

Etapa 2 – Evitação

Esta etapa eliminará vastas extensões de terras onde apesar da viabilidade, a instalação de uma central nuclear não seria desejável, como por exemplo, áreas com altos índices populacionais; com maior impacto ambiental; consideradas de significativo valor histórico, cultural e estético. Ao fim destas etapas, nas regiões remanescentes são escolhidas de 15 a 20 áreas candidatas a partir de critérios técnicos.

Etapa 3 – Adequação

Nesta etapa o foco do processo se altera. Agora, são comparados os atributos das áreas candidatas identificadas para selecionar aquelas que reúnem os conjuntos de condições mais favoráveis para a instalação da central. Neste estudo são utilizados cerca de 50 critérios, divididos em quatro grandes grupos de interesse (saúde e segurança; meio-ambiente; socioeconômico e engenharia e custos relativos). As áreas consideradas menos aptas serão progressivamente eliminadas.

Etapa 4 – Determinação

O objetivo desta fase é selecionar os quatro sítios mais adequados e submetê-los à avaliação política para que se defina o sítio preferido. Nesta etapa, estudos ainda mais detalhados, dos critérios avaliados na terceira etapa, são necessários para assegurar a efetividade do processo de seleção.

Hás riscos para o país de uma tragédia como a que aconteceu em Fukushima?

Em engenharia não existe fator risco zero. Viver é arriscado. As possibilidades de ocorrência de um evento tão catastrófico como o terremoto e tsunami do Japão em março de 2011 são remotíssimas no Brasil. O país se situa no centro da placa tectônica sul-americana e terremoto e consequente tsunami só ocorrem nas bordas das placas e se elas estiverem se chocando uma com a outra, sendo que no nosso caso as placas adjacentes estão se afastando entre si. Devemos frisar que no acidente de Fukushima NÃO houve nem uma morte devido à central nuclear de Fukushima Dai-ishi, sendo que a maior tragédia foi com perda de 16.000 vidas devido, na maior parte, ao tsunami, a destruição da infraestrutura e aos incêndios que ele provocou.

Anos atrás, quando a presidente Dilma era ministra de Minas e Energia ela afirmava que o país jamais teria outro apagão, com esse risco iminente o que deu errado nas previsões do governo?

É preciso planejar e também investir. A decisão de fazer usinas hidráulicas sem reservatório, apostar em sistemas intermitentes e de pouca confiabilidade em termos de geração de energia trouxeram instabilidade ao sistema. Além disso, o aumento da população e a sua melhoria econômica fizeram crescer o consumo.

Qual é a previsão de crescimento para o setor elétrico brasileiro para os próximos anos?

O consumo historicamente tem crescido 5% ao ano. Isto deve levar a necessidade de energia a dobrar em 15 anos, passando a uma necessidade de mais de 200.000 MW de capacidade instalada, contando todas as fontes.

A confiabilidade do sistema depende de USINAS DE BASE que são as hidráulicas de grande porte e as térmicas. O balanço de quais combustíveis usar é estratégico e depende da posição regional do país, de sua vizinhança, das condições geopolíticas (regimes estáveis de governos no entorno), da possibilidade de importação tanto de energia quanto de combustíveis, etc. Sempre é melhor privilegiar os materiais e condições internas, para não correr os riscos que os europeus correm dependendo do gás natural da Rússia, do petróleo da África/Oriente Médio, do urânio africano ou australiano, porque países mudam de regime político e podem não mais querer vender seus insumos.



Kapolleto's Grill

Pode degustar.
Indiscutivelmente, a
melhor opção em
Angra dos Reis!

O PRAZER DE COMER.
Pizzas / Massas / Frutos do Mar / Carnes

24 3365-6777

SHOPPING
Piratas
ANGRA DOS REIS
Loja 146 A (Próximo ao Ponto Frio)
Aberto todos os dias das 10h às 0h



Delícias da
Lourdinha

SELF-SERVICE - COMIDA ARABE - COFFE BREAK E ENCOMENDA DE BUFFET

RECEITAS ESPECIAIS CASEIRAS
Disk Quentinha 24 3367.3074

Av. José Elias Rahba, 280 Lj 109
Angra Shopping



BIOCOMBUSTÍVEIS

Biocombustível ou agrocombustível é o combustível de origem biológica não fóssil. Normalmente é produzido a partir de uma ou mais plantas. Todo material orgânico gera energia, mas o biocombustível é fabricado em escala comercial a partir de produtos agrícolas como a cana-de-açúcar, mamona, soja, canola, babaçu, mandioca, milho, beterraba ou algas. Existem vários tipos de biocombustíveis: bioetanol, biodiesel, biogás, biomassa, biometanol, bioéter dimetílico, bio-ETBE, bio-MTBE, biocombustíveis sintéticos (ver: Combustível sintético), bio-hidrogênio, gás de síntese. A biomassa é uma fonte de energia limpa e renovável disponível em grande abundância e derivada de materiais orgânicos.



LITROS DE PRODUÇÃO

Cerca de 66% da energia gerada no Brasil provém das hidrelétricas. Essa energia é limpa, mas tem um grande inconveniente: o seu potencial gerador fica em áreas de pouca densidade urbana (notadamente na Região Norte do Brasil). Portanto, uma energia extremamente barata pode vir a se tornar cara devido à perda de energia durante a transmissão das usinas para os centros urbanos. De fato as usinas hidrelétricas são uma fonte renovável de energia, mas isso não significa que sejam ambientalmente corretas e nem que são menos nocivas que outras fontes unanimemente nocivas.

A FORÇA DO SOL

Atualmente, esse sistema de produção energético é muito utilizado por pessoas e empresas para consumo próprio. É bem comum vemos pelo país algumas casas com células fotovoltaicas. Um sistema fotovoltaico é capaz de transformar a energia solar em energia elétrica e contribuir para a economia de energia e a preservação do meio ambiente. Cerca de 200 empresas, das quais a maioria produz reservatórios térmicos e coletores solares (ou placas) - cerca de 80% delas são micro e pequenas empresas, concentradas nas regiões Sudeste (principalmente) e Sul.



A produção **ENERGÉTICA** no país

O Brasil é um país muito rico em capacidade energética e, apesar do pouco investimento em energias renováveis, esse tipo de produção cresce a cada dia. A energia eólica é um bom disso. No Brasil, a maior parte da produção vem das hidrelétricas, com o apoio das termelétricas (com queima de combustíveis fósseis) quando necessário. A energia solar tomou um rumo inesperado no país e ocupa casas e empresas com o intuito de fornecer energia particular ou para pequenas comunidades. O biocombustível é a grande inovação brasileira, com a agroindústria a todo vapor, não falta material para essa área. Por fim, a controversa energia nuclear, que no Brasil é produzida nas usinas Angra 1 e 2, com uma terceira em construção. Confira um pouco mais sobre os tipos de energia que são mais produzidos no país.

YELLOW CAKE

A energia nuclear, também chamada atômica, é obtida a partir da fissão do núcleo do átomo de urânio enriquecido, liberando uma grande quantidade de energia. No fim da década de 1960, o governo brasileiro começou a desenvolver seu Programa Nuclear. O país possui a central nuclear Almirante Álvaro Alberto, localizada em Angra dos Reis, com duas usinas em funcionamento e uma em construção. O urânio brasileiro vem da mina de Caetité, que produz um pó do mineral, conhecido por yellow cake. Apesar de considerada uma energia limpa, seus riscos e potencial bélico geram controvérsias.

DE VENTO EM POPA

O campo da energia eólica está se expandindo, sendo a segunda fonte de energia mais competitiva no país. Todo o crescimento veio acompanhado da redução no custo de produção, em 2006 o custo de produção era de R\$ 300,00 por MW/h e em 2010 o preço alcançou R\$ 140,00 por MW/h – mais próximo dos R\$ 90,00 por MW/h da energia hidrelétrica. A produtividade brasileira é de 50%, enquanto a média mundial é de 30%. Até 2018, a fonte, que hoje representa 3% da matriz energética do País, deve totalizar 8% da energia gerada. Os maiores entraves para o crescimento desse tipo de produção energética estão vinculados à infraestrutura e logística do país.

USINAS TERMELÉTRICAS

A usina termoeletrica produz energia a partir do calor gerado pela queima de combustíveis fósseis (como carvão mineral, óleo, gás etc) ou por outras fontes de calor (como a fissão nuclear, em usinas nucleares). Primeiramente aquece-se uma caldeira com água, essa água será transformada em vapor, cuja força irá movimentar as pás de uma turbina que por sua vez movimentará um gerador. Uma maneira de se aquecer o caldeirão é através da queima de combustíveis fósseis. Um dos maiores problemas das usinas termoeletricas é a grande contribuição que elas têm para o aquecimento global através do efeito estufa e de chuvas ácidas.



A perspectiva, profundidade e cores

Texto por Clara Fischer . Fotos por Editora Novo Rumo

Diana Wolters, a Marquesa de Huidobro, nasceu em Rotterdam, na Holanda e teve sua veia artística revelada ainda criança. Sempre admirou obras de arte e ingressou nas faculdades de Belas Artes e Sociologia, mas acabou dando prioridade para os trabalhos sociais. Durante sua carreira como socióloga, foi também se consolidando como artista plástica, e ao se aposentar optou em se dedicar inteiramente às suas pinturas. A maior parte dos seus quadros tem como tema a área náutica, algo que sempre foi presente em sua vida. Seu pai tinha uma

embarcação e Diana passou muitos dias de sua infância no mar. Já casada, a vida a bordo continuou no barco a vela, de seu marido e a vida na marina tem lhe servido de inspiração. Com traços rápidos e fortes, Diana alimenta o quadro com cores vibrantes e riscos que formam, abstratamente, figuras navais. Começou pintando com tinta a óleo, mas pela dificuldade de transporte, por falta e demora na secagem, acabou optando pela tinta acrílica. Suas pinturas de expressionismo figurativo têm forte influência de Portinari, que Diana considera o grande mestre da pintura. A artista tem enorme prazer em produzir

quadros grandes, chegando a receber encomendas de até 3 metros. Para lidar com a mobilidade da pintura dos quadros em escala maior, Diana opta por pintá-los em dípticos, trípticos e até quadrípticos, que consiste em dividir a obra em duas, três ou quatro partes, que podem se emendar, formando um efeito visual único.

Você tem uma história de vida interessante. Veio da Holanda para o Brasil e aqui se fixou. O que a fez ficar no Brasil e investir na vida e carreira aqui?

Diana Huidobro: Em 1952 meu pai foi transferido do Uruguai para



fortes de **Diana Wolters**

o Brasil, naquela época eu tinha seis anos de idade. Cursei aqui do primário a Faculdade de Ciências Sociais na UFRJ. Trabalhei como socióloga na Classificação Brasileira de Ocupações, projeto levado a efeito entre a OIT e o Ministério do Trabalho. Poderia ter retornado, porém, foi uma opção minha ficar no país que assim adotei e que me adotou.

Você teve outras profissões, o que fazia antes de se tornar uma artista?

Sempre trabalhei no Ministério além de me dedicar à pintura sempre que tinha algum tempo.

O que fez você começar a vida

como artista?

A pintura para mim foi sempre algo mágico, ela me acompanhou a vida toda. Por volta da década de 90 resolvi me profissionalizar e eis me aqui.

Além de pintar, você faz outros trabalhos artísticos?

Tenho feito algumas esculturas em cimento.

De onde vem a sua inspiração?

Mais que inspiração, é um ato de disciplina, veja, não posso aguardar ter inspiração se tenho um prazo para preparar quadros para uma exposição ou para entregar para uma galeria.

Qual é o seu estilo?



40 anos
cuidando do
bem estar
da sua
saúde




CLÍNICA Soj

Clinica Médica
Cardiologia • Geriatria
Ginecologia • Mastologia
Pediatria • Pneumologia
Ultrassonografias
Eletrocardiograma e outros.

(24) 3365 0107

Atendimentos
Marcados e imediatos (Encaixe)

Rua Coronel Carvalho, 465 - 2º andar
Centro - Angra dos Reis - RJ
clincasoj@terra.com.br



MUAY THAI
BOXE
JIU JITSU
SUBMISSION
MUSCULAÇÃO
JUMP
CORRIDA OUTDOOR
DANÇA
LOCALIZADA
ESCALADA
FUNCIONAL

MUTARU
(24)3365-2313
mutaru.com



DA ENGENHARIA À
DECORAÇÃO
Construindo o seu projeto de vida

Gondarem Construtora

WWW.GONDAREM.COM.BR
24 3365 2530 / 3367 1460



REACOL
Engenharia e Consultoria Ambiental

EIA/RIMA Projetos Sustentáveis
Licenciamento Consultoria
Diagnósticos Perícia Ambiental

Étore Dalboni
Engº Florestal
www.reacol.com.br

Rua Professor Lima, 160 - 5º-402
Centro - Angra dos Reis/RJ
Tel. (24) 3365 7751 / 9961 0491
email: etore@reacol.com.br



Uso principalmente a cor em todas as suas nuances, inicio o quadro com manchas da cor e daí parto para a forma. O meu mundo temático refere-se a barcos e flores que constituem na verdade minhas outras paixões. Mesmo nas telas abstratas o tema abordado são barcos. Nas demais telas sempre há linhas abstratas seja qual for o tema. O traço é rigoroso assim como as cores.

Seu traço é forte, você acha que isso reflete a sua personalidade?

Sim, sempre sou muito firme naquilo que me proponho.

Que técnicas você utiliza?

Vou do expressionismo figurativo ao expressionismo abstrato

Seus quadros estão expostos no Brasil e pelo mundo. Em que países você já fez e em quais ainda faz exposições?

Tenho quadros na Holanda, Espanha, França e Estados Unidos. O ano passado

fiz uma exposição na França e atualmente estou em conversações com uma galeria na Holanda.

Qual é o maior diferencial no seu trabalho?

A cor e o traço extremamente rigoroso, além de apresentar obras com uma boa perspectiva, profundidade e equilíbrio de concepção. Enfim, uma técnica apurada através dos anos.

Quem tiver interesse em comprar uma de suas obras, onde pode encontrar?

No meu site: www.dianahuidobro.com
Diariamente no meu atelier localizado na Rodovia Gov. Mario Covas km 452, Condomínio Portugal gleba D lote 32. Telefones: (024) 33614109 e (021) 982343060. Nas galerias de Artes: Marly Faro, Flory de Menezes e Borghese Arte Contemporânea. E na galeria de artes internacional virtual Novica, da National Geographic.